

A Sociedade perante o lazer

GERAÇÃO DO LAZER OU DO NÃO-SEI-QUE-FAZER? ¹

Dulce Maria Magalhães

1. INTRODUÇÃO

O texto que se segue é uma tentativa para enquadar o lazer em termos sociais, culturais e económicos; por conseguinte, é importante deixar claro que se trata de um ponto de partida, de uma primeira abordagem a um tema que por si só exigiria uma análise muito mais profunda e exaustiva.

Nortearam e possibilitaram, de alguma forma, esta reflexão uma experiência pedagógica decorrida com uma turma de estudantes do curso de sociologia ² e uma observação que se pretende tornar sociológica, e que vem tomando forma ao longo de algum tempo, a práticas ditas de lazer, tendo sempre presente senão a evolução cultural, pelo menos o dinamismo inerente à nossa sociedade.

2. DO TRABALHO AO LAZER

A ideia que a nível geral se tem de «lazer» aparece frequentemente no espírito dos indivíduos associada a uma prática laboral, seja ela qual for; desta forma, algum do tempo livre que fica para além do

¹ Versão ampliada duma conferência proferida a 6 de Maio de 1991, integrada nas «Noites de Sociologia no Porto».

² 24 alunos do 3.º ano de Sociologia, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, presentes numa das aulas da cadeira de «Sociologia da Cultura e da Comunicação» foram convidados a responder a três questões abertas subordinadas à temática do lazer: 1. O que entende por lazer; 2. Como costuma ocupar os seus momentos de lazer; 3. O que mais gostaria de fazer nos seus momentos de lazer. As respostas obtidas viabilizaram uma introdução dinâmica e participativa ao tema.

desempenho do trabalho, é vivido enquanto lazer; dizemos *algum*, uma vez que uma parcela desse tempo libertado do trabalho será preenchida com outro tipo de tarefas ditas «obrigatórias». Recorrendo brevemente à experiência pedagógica referida anteriormente, é de salientar que 88% das respostas obtidas vão neste sentido, realçando por um lado a oposição lazer-trabalho (enquanto actividade principal) e por outro a sinonímia lazer-tempo livre. Não deixa de ser interessante comparar uma perspectiva sociológica proposta em vários estudos e a ideia ainda diluída e não sistematizada encontrada nas respostas dadas pelos estudantes³. Segundo aquela, o lazer pressupõe o trabalho «correspondendo a uma libertação periódica, no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho»⁴.

Com isto, pretende-se alertar para o facto de nos situarmos na corrente que considera o lazer como um fenómeno cultural relativamente recente; tendo surgido com a Revolução Industrial, torna-se um produto das sociedades modernas. Não pretendendo alongarmo-nos demasiado neste assunto, diremos, contudo, que apesar de ter existido sempre tempo livre (basta-nos para isso consultar a história) já o mesmo não se pode dizer em relação ao lazer, uma vez que, e gostaríamos de sublinhar esta ideia, não iremos considerar o lazer como sinónimo ou transposição automática de tempo livre; o lazer será entendido aqui como uma determinada *ocupação* do tempo livre de que se dispõe, após se terem cumprido as tarefas obrigatórias e necessárias⁵.

A justificar a nossa posição, diríamos que pressupondo o lazer tempo livre, o inverso não se verifica. Conviria esclarecer que a terminologia «tempo livre» não surgiu casualmente. Pense-se, por exemplo, no valor social que o trabalho assumiu e assume ainda hoje nas sociedades modernas; neste sentido, a noção «tempo livre» surge por interligação ao trabalho, isto é, representa o tempo libertado ao trabalho, já

³ As respostas obtidas à 1.ª questão (O que entende por lazer?) foram categorizadas da seguinte maneira: a) actividade com carácter positivo e agradável 71%; b) momento de evasão, pausa à rotina (por oposição ao tédio e à monotonia) 46%; c) actividade não remunerada, tempo livre, de curta duração, actividade não imposta nem obrigatória 67%; d) descanso 4%; e) instrumentalização 4%.

⁴ JOFFRE DUMAZEDIER, *Sociologia Empírica do Lazer*, S. Paulo, Perspectiva, 1979, pag. 28. A mesma perspectiva pode ser encontrada em várias outras obras, dentre elas: N. SAMUEL et al, *Le Temps Libre; Un Temps Social*, Paris, Librairie des Meridiens, 1984; ROGER SUE, *Le loisir*, Paris, PUF, 1980.

⁵ Segundo J. DUMAZEDIER, «o conceito de lazer não convém para designar as actividades (...) ociosas. O lazer não é ociosidade, não suprime o trabalho; pressupõe-no». *O. c* pág. 28. Ideia similar apresentam outros autores, entre eles os referidos na nota anterior.

que tudo gira em torno do trabalho. Não iremos desenvolver aqui os conflitos sociais, as lutas e reivindicações sindicais que foram resultando, paulatinamente ao longo de quase dois séculos, na conquista do tempo libertado à jornada de trabalho — profissional — por diminuição da carga horária diária, semanal, anual e mesmo no fim da vida activa. Contudo, não podemos deixar de referir que ao longo da história o tempo livre tornou-se um *tempo social*, no sentido em que «é um tempo que reenvia às actividades e práticas especificamente sociais (...) criando modificações de estruturas sociais, onde aparecem novas normas e novas regras, onde se estabelecem novas relações sociais e onde se fundam novos valores»⁶. Trata-se, portanto, de um tempo não apenas quantitativo, mas sobretudo *qualitativo*, salientando-se ainda o seu carácter institucionalizado pelas sociedades industriais, evidentemente em grau variável. O que se pretende dizer com isto é que há a necessidade de ter em linha de conta por um lado a existência de uma pluralidade de tempos sociais numa mesma sociedade, e por outro, a heterogeneidade entre si: tempo de trabalho profissional ou escolar, tempo de ocupações familiares e tempo livre, para além do trabalho suplementar ou complementar (que não raro adquire contornos sociais específicos e significativos pelo seu peso social), trabalhos domésticos, actividades de manutenção (refeição, higiene, sono).

Importa assim salientar a existência de categorias diferentes de tempos sociais, destacando-se dentre estas o tempo livre, porque é dentro deste tempo social específico que se inscreve o lazer⁷.

Registam-se então duas ideias fundamentais para o tratamento do texto proposto: a) por um lado, o fenómeno principal da nossa época nas sociedades modernas é a tendência generalizada para a *diminuição paulatina do tempo de trabalho*; b) por outro lado, assiste-se à *valorização crescente* do tempo livre e em particular à *do tempo de lazer* cujas práticas têm vindo a impôr-se de forma reconhecidamente necessária e privilegiada nas sociedades modernas, arrastando consigo novos valores de integração social e novos modos de vida, inspiradores de atitudes, opiniões, gostos e opções interligados a uma nova dinâmica que se vai gerando cada vez mais nitidamente e tornando-se

⁶ N. SAMUEL et al, O. C, pág. 11.

⁷ A categoria «tempo livre» engloba: tempo de actividades religiosas, participação política e sindical, actividades sociais ritualizadas (reuniões, visitas, jantares, aniversários...), e tempo de lazer (definido, numa forma simples, «como a parte do tempo livre cujo conteúdo é orientado para a realização da pessoa como fim último», J. DUMAZEDIER, *Sociologie Empirique du Loisir*, Paris, Le Seuil, 1974, citado por N. SAMUEL et al, o. c, pág. 11.

mesmo um *vector de mudança social*, mas que nem por isso anula completamente as disparidades sociais ⁸ vividas em tomo da «dupla» trabalho-tempo livre e/ou trabalho-lazer (e até mesmo tempo livre--lazer). Neste sentido, é ainda de sublinhar que hoje, é cada vez mais nítida a «aspiração à autogestão do tempo de cada um (por cada um), isto é, à passagem do tempo «suportado» ao tempo «escolhido»»⁹. O tempo livre, e nomeadamente o lazer, constitui assim um fenómeno capital da sociedade industrial, que é em simultâneo um tempo disponível e um objecto de consumo; enquanto agente de transformação social reduz certas desigualdades (como veremos adiante), criando, no entanto, novos tipos de desigualdades. Com isto, pretende--se reafirmar o considerável poder de transformação dos modos de vida operado mesmo a nível de consciencialização das possibilidades que o tempo livre e particularmente o lazer oferece aos indivíduos e à sociedade, no que respeita a uma melhor qualidade de vida.

Contudo, a avaliação precisa do tempo disponível para consumo do lazer não é linear, e a atermo-nos apenas às tentativas de definição dadas ao longo do que já foi exposto, não resolveríamos a contento obstáculos que se levantam por vezes neste âmbito. Deste modo, reconhecemos que actualmente, e tendo em conta as alterações que se vêm fazendo sentir na nossa sociedade, a fronteira entre lazer e «não--lazer», se vai tornando nalguns casos, senão diluída pelo menos complexa, uma vez que deparamos constantemente, por um lado com actividades que ora são vividas enquanto lazer, ora são vividas enquanto actividades laborais; por outro, actividades cuja fronteira entre o «suportado» e o «escolhido» é ambígua. O lazer pressupõe, portanto, actividades potenciais que não podem ser medidas/avaliadas em termos absolutos, uma vez que exigem sempre e cada vez mais uma contextualização na sua delimitação. Desta forma, e inspirando--nos em Olin Wright, somos tentados a tratar os casos acima referidos como «actividades contraditórias de lazer», uma vez que pela relatividade com que devem ser medidos/avaliados, englobam situações de

⁸ Parece encontrar-se uma tendência, nas sociedades modernas, para a diminuição paulatina da distância cultural classista, outrora nitidamente marcada na sociedade; contudo, do ponto de vista da democracia cultural, permanecem diferenciações classistas e assiste-se à invenção social de novos parâmetros demarcantes, que, a par duma dinâmica social simultaneamente acelerada e subtil, legitimam, de forma fluída e não transparente, toda uma lógica global de distinções. Neste sentido, admitimos como válido que a «influência das instituições profissionais, familiares, espirituais e políticas molda os conteúdos do lazer segundo as diferenças de classes sociais e em menor grau, de gerações». J. DUMAZEDIER e N. SAMUEL, *Société Éducative et Pouvoir Culturel*, Paris, Seuil, 1976.

⁹ N, SAMUEL et al, o. c, pág. 81.

lazer, semilazer (Dumazedier) ou mesmo actividades que não se englobam no que aqui se entende por lazer, porque abarcantes de situações laborais. E o caso, por exemplo, da leitura, cozinha, bricolagem, entretenimento familiar/educação e até algumas actividades decorrentes da implementação da chamada indústria de massa (discotecas, pubs, casas de jogos...).

Segundo Roger Sue, por exemplo, esta dificuldade poderia ser resolvida considerando que «toda a actividade resultante duma livre escolha e própria a procurar um sentimento de liberdade da pessoa no exercício duma actividade relevaria do lazer»¹⁰. Neste sentido o lazer seria antes de mais uma atitude psicológica do indivíduo, independentemente do tipo de actividade exercida e, neste caso, até o trabalho poderia adquirir contornos de lazer e até mesmo as acima chamadas «actividades contraditórias de lazer» deixariam de o ser, já que tudo dependeria de um estado de espírito.

Proporciona-se neste momento citar duas das respostas obtidas na experiência pedagógica acima referida; relativamente às aspirações em termos de lazer (3.^a questão), um dos estudantes referiu que «gostaria de ter mais tempos de lazer; de *não ler que distinguir lazer do trabalho*»; em relação agora ao significado do lazer (1/ questão) outro estudante regista o seguinte: «Cada pessoa tem uma concepção de lazer diferente. Para muitos *o próprio trabalho, quando dá prazer, é visto como lazer*».

Estas duas respostas parecem-nos fortemente significativas, na medida em que permitem uma ilustração quase perfeita do que foi anteriormente referido; tanto a aspiração, por um lado, como a constatação, por outro, relativamente a uma nula distinção ou mesmo a uma sobreposição entre trabalho e lazer realçam quer a ideia de prazer, diriam os mesmo realização no trabalho, quer a ideia contrária ao «nada-fazer» inerente por vezes à concepção de lazer. Por outro lado, não seria desejável que se ficasse com a ideia de que o «nada-fazer» não cabe no lazer; não deixa de ser interessante constatar que na experiência aqui muito sucintamente apresentada, ocorreram 17% de registos que apontam precisamente o «não fazer nada» como uma das opções para ocupar o tempo de lazer. Sem querermos complicar muito a questão, nem alongarmo-nos demasiado nela, não resistimos no entanto a dizer que mesmo o «nada-fazer» enquanto possibilidade de lazer, é já em si fazer alguma coisa; quanto mais não seja, trata-se de uma opção não gratuita, produzida e consumida não em termos ociosos

¹⁰ ROGER SUE, *o. c.*, pág. 3.

mas em termos de lazer, uma vez que — é suposto — o trabalho está subjacente a esta possibilidade à primeira vista, mas só à primeira vista, vazia de conteúdo.

3. GERAÇÃO (?) DO LAZER/GERAÇÃO DO «NÃO-SEI-QUE-FAZER»

Poderíamos desde já partir de uma interrogação aparentemente simples: qual é a geração do lazer e qual é a geração do «não-sei-que-fazer»? Sobrepeem-se? Opõem-se?

Em primeiro lugar, haveria que se questionar a própria terminologia escolhida — «geração do lazer» — delimitando-a face à «geração do não-lazer». Evidentemente que a noção referida — «geração do lazer» — reporta-nos imediatamente para a imagem da juventude (enquanto grupo etário). Mas então, e à priori, ficariam excluídas do lazer as outras gerações.

Como já anteriormente referimos, o lazer está a ser aqui entendido como pressupondo o trabalho, ou seja, não só o trabalho é uma das condições para se usufruir lazer, mas é sobretudo o tipo de trabalho executado que condiciona as escolhas em matéria de lazer. Verifica-se então, que a população activa «menos jovem» não pode de forma alguma ficar à partida excluída do lazer, pelo menos dentro da concepção aqui traçada. E a reforçar esta ideia, temos o facto de que as práticas de lazer actualmente não são um privilégio duma minoria, antes pelo contrário, o lazer, sob uma forma ou outra, toca o conjunto da sociedade.

Consideramos consensual a ideia de que os jovens ainda não inseridos na vida activa — os estudantes, nomeadamente — dispõem, pelo menos potencialmente, de mais tempo activo de lazer relativamente aos outros grupos etários; por conseguinte, diríamos que são os utentes por excelência, virtuais ou reais, do lazer (considerando que o estudo é uma forma de trabalho).

Contudo, no que toca à população activa não podemos deixar de ter em linha de conta a concentração de tempo libertado ao trabalho, colmatando na possibilidade de se poder dispôr de uma jornada inteira (fím-de-semana, férias e em certa medida a reforma), que suscitou um intenso movimento de lazeres, ao qual não será alheia a institucionalização do subsídio de férias, 13.º mês, ou mesmo nalguns casos 14.º mês, actuando conjuntamente com uma espécie de criação de novas necessidades na esfera privada. Referimos, a título de exemplo, a aspiração generalizada e conseqüente acréscimo de automóveis per capita nos últimos anos, bem como a intensidade crescente de trânsito na partida e no regresso de um fim-de-semana prolongado. Um

automóvel, independentemente da utilidade a que se preste, possibilita e simboliza momentos de lazer pela mobilidade virtual ou real que incorpora; o próprio turismo tem fomentado viagens através da criação de políticas favoráveis à sua proliferação, junto de grupos sociais específicos, nomeadamente jovens, 3.^a idade e algumas categorias sócio-profissionais — estudantes e professores, por exemplo — independentemente do escalão etário a que pertençam. Também não poderíamos deixar de mencionar a televisão — um dos bens (ou o bem?) mais divulgado(s), consumido(s) e mesmo imposto(s) rapidamente. Refira-se a propósito, que a televisão em si enquanto símbolo de acesso generalizado à vida do lazer, e enquanto lugar fundamental do tempo de lazer na vida social, pode ser considerado o denominador comum do lazer.

Com isto pretende-se salientar que não só o lazer não é apanágio duma única geração, como é de certa forma independente da variável idade, para além de não ser vivido de forma linear nem homogénea pela sociedade, uma vez que sendo credível que as práticas de lazer se vão generalizando, essa generalização vai-se, no entanto, processando de forma desigual; seríamos mesmo tentados a dizer que as desigualdades face aos lazeres (note-se o plural) reproduzem as desigualdades sociais que se constataem noutras esferas da vida social. Apesar disso, não é nossa intenção afirmar que não existam «bens» de consumo democratizados, ou dito de outra forma, comuns à quase maioria da população; contudo, essa «democratização» deixa de o ser, ao termos em linha de conta o uso que desses bens se faça, ou seja, a forma como são apropriados e consumidos, para além das marcas/etiquetas (simbólicas) e afins, reveladoras de distanciamentos sociais — diríamos mesmo distinções — entre os consumidores habituais e *iniciados* e os outros.

Seja como for, verifica-se uma estreita ligação entre produção e consumo de determinados bens de lazer, uma vez que não só o consumo tende a aumentar, como também foi possível uma maior difusão desses bens: discos, livros, artigos de desporto, c.d., vídeos... que se tornaram acessíveis devido precisamente ao processo de industrialização de lazeres. Em contrapartida, a massificação deste tipo de lazeres suscitou uma certa estandardização dos mesmos, *condicionando fortemente o indivíduo nas suas opções de lazer, tal como é condicionado no seu trabalho.*

A rotina do trabalho, segue-se então a rotina do lazer; cada vez mais se repete o mesmo tipo de actividade de lazer consoante o perfil sócio-económico e cultural que caracteriza quer o indivíduo, quer o grupo social em que se encontra inserido, tornando-se ou parecendo tornar-se bastante redutor o leque optativo de actividades disponíveis.

Voltando à juventude: é certo que as funções de lazer enquanto divertimento são retidas por todos os jovens; contudo, quando se pretende fazer algo diferente, cai-se quase sistematicamente no mesmo tipo de opção, seja ela o encontro no café, no pub, discoteca, uma deslocação ao cinema ou teatro, para finalmente se acabar a noite novamente no mesmo pub ou discoteca onde se encontram os clientes habituais do «consumo da madrugada». É a impressão de falta de alternativa que leva a cair na repetição sucessiva das mesmas opções, na rotinização, e é esta, que pela força do hábito restringe o leque optativo, dificultando mesmo a hipótese de actividades alternativas de lazer. No fundo, o que parece importar é a saída¹¹ — sair de casa, sair com os amigos. Roberts e Parsell, consideram que a casa só se torna local de lazer autêntico quando os pais estão ausentes¹². A saída quase marca a ruptura entre o espairecer (mudança, ainda que pontual) e o permanecer (repetição) — apesar de se espairecer sempre praticamente da mesma maneira, já que os canais que o permitem encontram-se estrangulados, uma vez que frequentemente no limite da saída está a entrada em grupo numa «fábrica» de lazer, que garanta à partida o seu consumo em moldes individualistas, acentuando-se nas sociedades modernas, cada vez mais este tipo de consumo. No entanto, consideramos que o facto de a maior parte do lazer juvenil implicar a «saída», nem por isso se uniformizam ou nivelam os consumos de lazer; aliás, verificam-se desde logo competências e consumos diferentes que são constitutivos de «espaços de estilos de vida» desiguais relevantes de diferentes classes. Esta diferenciação em classes é patenteada no tipo de apropriação — que supõe disposições que nada possuem de universal na sua distribuição — dos bens de consumo, à qual não será alheia uma preocupação com a imagem/aparência (que varia segundo o stock de signos distintivos de classe disponíveis num determinado espaço-tempo) com que se «aparece em cena» — o saber-aparentar, o saber-estar... revelam importância fundamental numa actuação diferenciadora porque interrelacionadas com trajectórias familiares e inculcações de disposições também diferentes. Note-se que a juventude é um escalão etário fundamental na aquisição de capital cultural e na percepção de práticas simbólicas distintivas.

¹¹ 95% das respostas dadas pelos estudantes de sociologia, em relação às opções de lazer (2ª questão) referem pelo menos uma actividade de lazer cuja realização implica «sair».

¹² K. ROBERTS e G. PARSELL — «Culturas de juventude — transformação social e transição para a vida adulta na Grã-Bretanha», in *Análise Social* n.º 105/106, 1990.

No caso oposto, temos os que permanecem em casa, e neste caso torna-se significativo o fazer-se da televisão o ponto alto do lazer. Nada mais prático e mais fácil de solucionar do que ligar a televisão e consumir os produtos que quase não são escolhidos porque a inércia pacífica do «não-sei-que-fazer» não se coaduna com a apreciação crítica que presidiria a uma selecção prévia.

Este tipo de consumidores de lazer(es), seriam, provavelmente, os elementos por excelência a reter numa tentativa de ilustração da geração do «não-sei-que-fazer». Não se sabe o que fazer, não porque não se faça nada, não porque não haja nada para fazer, mas porque se repetem, cada vez mais, as mesmas duas ou três vivências de lazer que a imaginação já cristalizada pelo hábito constringe a seguir. Neste prisma estamos a tratar de um determinado tipo de lazer e respectivos consumidores — o lazer industrializado, massificado, moderno, pronto a ser consumido, (isto é, geração do lazer como equivalente à geração do não-sei-que-fazer?)

Surge-nos então a seguinte questão: geração do lazer ou sociedade de lazeres? O recurso ao plural — lazeres — justifica-se aqui, porque falar em lazer moderno, pressupõe o seu oposto — o lazer tradicional ¹³, que continua tão propagado e tão transmitido como o primeiro (ainda que doutra forma). Trata-se por exemplo do lazer doméstico em todas as suas vertentes, do passeio dos «tristes» (o adjectivo não é nosso e não aparece por acaso), do convívio familiar, dos jogos populares, do andar de bicicleta, da procura do ar puro dos pinhais, dos piqueniques domingueiros...

Provavelmente, numa forma muito apressada e impensada seríamos tentados a considerá-lo o lazer típico dos «não jovens» ou dos «não modernos». Contudo, também aqui a fronteira não é nítida, assumindo mesmo na sua delimitação traços ambivalentes.

É pacífica a ideia de que a necessidade e procura crescente de lazer é correlativa da urbanização e da industrialização. Sabe-se também que a cidade é um pólo de desenvolvimento de lazeres, quer de dominante cultural quer de dominante comercial, apelando e fomentando o seu consumo ¹⁴. Daí, ser pertinente, do nosso ponto de vista, problematizar a questão não tanto em termos de geração — geração do lazer — mas em termos de sociedade — sociedade de lazeres.

¹³ Trata-se numa fragmentação — lazer moderno versus lazer tradicional — apenas metodológica, não sendo nosso objectivo polarizar o lazer em duas vertentes exclusivas entre si.

¹⁴ Constatação referida em obras de vários especialistas de matérias referentes ao lazer, mass-media e sociedade de consumo.

Contudo, a sociedade moderna não é igualmente marcada para todos nem pelo aumento de tempo livre, nem pelo aumento de lazer. Há que ter em consideração pelo menos *algumas* variáveis que influenciam o comportamento face ao lazer (evidentemente de forma não automática nem linear): sexo, idade, profissão, situação na profissão, grau de instrução, estado civil, classe social e local de residência, para além de um processo formativo de iniciação, educação e socialização.

A finalizar, gostaríamos apenas de salientar, e porque está directamente ligado ao tema, que sendo incontestável que a variável idade permite-nos falar em lazes da(s) juventude(s)¹⁵ e que certos lazes são mais característicos desta geração, tudo leva a crer, no entanto, que esta variável seja menos determinante nos comportamentos de lazer que o meio familiar sócio-profissional onde o indivíduo se insere. É, portanto, patente que não só os jovens se diferenciam nos lazes de que dispõem, como também no lazer os jovens manifestam comportamentos de classe (decorrente de *habitus* de classe¹⁶) diferentes. No limite, a situação familiar dum indivíduo é mais pertinente que a sua idade na explicação do seu comportamento de lazer. As diferentes vivências de lazer na juventude estão intimamente ligadas a trajectórias e disposições (inculcadas) que partem da família, realizam-se e incorporam-se diferentemente na escola conduzindo a posições diferentes nas diversas dimensões da vida social.

Em conclusão, diríamos que se certos lazes são mais específicos dos jovens, parece impróprio falar-se de comportamentos de lazer que sejam exclusivos da(s) juventude(s) ou duma geração em particular, no sentido de que os valores de lazer se estendem ao conjunto das gerações, conforme fomos referindo ao longo deste trabalho.

¹⁵ Não iremos desenvolver — porque não cabe no objectivo desta reflexão — a problemática referente à existência ou não de grupos distintos de jovens. Deixamos, no entanto, subjacente a ideia de diferenciação social interna no grupo etário denominado «juventude».

¹⁶ P. BOURDIEU, define o *habitus* de classe como «um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona, a cada momento, como uma matriz de percepções, de apreciações e de acções», vd. in *Esquisse d'un Théorie de la Pratique, Procédé de Trois Études d'Ethnologie Kabyle*, Genebra/Paris, Droz, 1972, pág. 178.